



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



RUSENILDA FARIAS DE ALMEIDA AGUIAR

**ALÉM DO APRENDER A LER E A ESCREVER: MINHA
TRAJETÓRIA ESCOLAR**

Ji Paraná/RO
2017

RUSENILDA FARIAS DE ALMEIDA AGUIAR

**ALÉM DO APRENDER A LER E A ESCREVER: MINHA
TRAJETÓRIA ESCOLAR**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof.(a) Msa. Gicele Sucupira Fernandes



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREDD
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



ALÉM DO APRENDER A LER E A ESCREVER: MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

RUSENILDA FARIAS DE ALMEIDA AGUIAR

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profª. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

1º de dezembro de 2017.

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Profª. Msa. Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof. Dr. Wendell Fiori de Faria

Membro: Prof. Dr. Carlos Alexandre Barros Trubiliano

**Ji-Paraná/RO
2017**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
1. ALÉM DO APRENDER A LER E A ESCREVER	7
2. OS DESAFIOS DA FACULDADE.....	12
2.1 Experiências de Estágios	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS	18
REFERÊNCIAS.....	19

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder a vida, e estar aqui rememorando a minha trajetória escolar. E que através da sua divina misericórdia eu posso dizer que conseguir mais uma conquista que o curso de Pedagogia.

Agradeço aos meus pais, Raimunda e João, que não estão mais aqui, em especial ao meu pai que se não fosse pela iniciativa dele eu não estaria aqui relatando a todos, a minha conquista.

Agradeço a minha 1ª professora Lídia que serviu de base para que pudesse ir à busca de mais conhecimento.

Agradeço minha tia Maria, que fez a minha primeira matrícula na escola Petrônio Barcelos.

Agradeço a equipe de tutores: Flávia, Thais, Rosenilda e Edivânia. Que não mediram esforços para nos ajudar.

Agradeço a todos meus colegas sofredores, que sempre estavam compartilhando as ideias, as dúvidas pessoalmente ou através do whatasapp.

Agradeço a minha querida INESQUESÍVEL amiga e companheira, de todo o curso Maria Almeida. Agradeço de coração essa pessoa que sempre me auxiliou nos momentos em que eu mais precisava me incentivando e me dando força para alcançar o meu objetivo.

Agradeço também a professora Gicele Sucupira, que se dispôs a nos ajudar, depois de algumas horas de diálogo me fez entender o que é um memorial.

APRESENTAÇÃO

Este memorial tem por finalidade contar a minha trajetória desde o início, e as dificuldades que encontrei no processo de aprendizagem, e também progressivamente as minhas conquistas, incluindo o curso de Pedagogia EaD da Universidade Federal de Rondônia, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Quando fiquei sabendo que o trabalho de conclusão de curso seria um memorial pensei que seria fácil discorrer sobre o assunto que está relacionado à minha trajetória escolar. Foi aí que surgiram questionamentos de como construir esse memorial. Contar toda a trajetória na educação não será fácil. Resolvi traçar uma linha da minha história e avaliar as mudanças que ocorreram com o passar do tempo.

No primeiro capítulo resgato a minha história na educação escolar, desde quando iniciei, e as dificuldades que enfrentei que me impediram de dar sequência ao estudo na fase da minha adolescência, até fase adulta para concluir o ensino médio, evidenciando todas as situações adversas que enfrentei para conseguir estudar.

No segundo capítulo, relato como foi a minha trajetória acadêmica na Universidade, e os desafios, incluindo a superação das dificuldades de ordem emocional enfrentados durante esses anos para chegar o sonho de concluir o curso superior. Portanto, discuto minhas experiências e práticas, oportunidade em que perpassa da teoria para prática através do estágio, que vai além do cumprimento de horas exigidas pela universidade. Foram momentos vivenciados que me fez refletir sobre a defasagem na aprendizagem, e as principais razões pelo quais o aluno possa desvincular do processo de aprendizagem, “falta de interesse dos pais” e os métodos de disciplinas. Assim sendo, convém resumir, que as reflexões feitas me deram oportunidade de crescimento pessoal e profissional.

1. ALÉM DO APRENDER A LER E A ESCREVER

*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si, mediatizados pelo mundo.
(Paulo Freire)*

Resgato aqui a minha história. Por que resgatar? O sentido de a palavra resgatar é libertar do cativo, ou seja, libertar dentro si lembranças que estão adormecidas. Lembranças essas que trazem pensamentos bons ou ruins e de muitas pessoas, assim como escreve Madalena Freire “Todo indivíduo está acompanhado por um grupo de pessoas permanentemente” (1993, p.32). Portanto, discorrer nesse memorial me faz voltar no tempo, que me faz lembrar dois grupos – minha família e a escola, e todos os elementos envolvidos.

O meu ingresso na educação aconteceu quando eu estava com oito anos de idade. Meu pai, um homem sério e de poucas palavras, falava para mim e mais dois irmãos, que todos deveriam apenas aprender a ler e a escrever. Nós somos quatro irmãos. Dois homens e duas mulheres. Por que o meu irmão mais velho não estava incluído? Somente o meu irmão mais velho havia estudado o 5º ano de admissão, segundo corroborado por ele próprio.

Meu pai trabalhava como agente de vigilância no 5º Batalhão de Engenharia de Construção em Porto Velho, em Rondônia. Todos os dias meu irmão levava refeição para meu pai e ele era observado pelo Coronel e o Sargento que chegaram à conclusão que a aquele rapaz com 18 anos poderia fazer parte do quadro de servidores. Portanto, os incentivaram a estudar para que fosse garantida uma vaga de emprego no departamento de contabilidade do Batalhão.

No entanto, quanto aos demais, meu pai os incentivou somente a aprender a ler e a escrever. Meu irmão mais novo não quis estudar. Hoje com 54 anos não é alfabetizado. Eu e minha irmã estudávamos em uma escola particular. A professora Lídia usava a sala da sua casa para alfabetizar as crianças, com metodologia tradicional

da época. O recurso usado era a famosa cartilha ‘Método ABC: Ensino prático para aprender a ler’. Tínhamos que decorar todas as letras do alfabeto, depois formar as sílabas e por fim formar as palavras. Era um método para codificar as palavras por meio da soletração. No final do dia a professora ditava 10 palavras, se acertássemos algumas seríamos avaliados por uma nota de 1 a 10, mas se errássemos muitas palavras nos restava o bolo de palmatória.

Minha irmã apresentava dificuldade em realizar as atividades propostas pela professora e de interagir com outras crianças. No entanto, eu gostava de ir à escola e realizava as minhas tarefas. Minha irmã, muitas vezes, ficava no meio do caminho ou retornava para casa e era castigada pelo meu pai. Por fim, evadiu-se da escola. Não foi ser alfabetizada.

Como eu não apresentava nenhuma dificuldade para aprender, rapidamente estava lendo. Praticava a leitura. Tudo que estava ao meu redor eu lia e observava como escrevia. Lia gibis do Cebolinha e Cascão e outros tipos de histórias em quadrinhos. Meu pai não permitia que assistíssemos qualquer programa de televisão, por isso não tínhamos um aparelho de TV em casa. Todos os dias eu entrava no quarto do meu irmão e debaixo do colchão achava revistas de fotonovelas, revistas e livros de romance como Sabrina e Bianca. Todos os dias, eu lia escondido de meu irmão. Certamente o conteúdo dos livros não era apropriado para uma criança de oito anos de idade, mas eu estava empolgada, por que eu conseguia ler. Posteriormente, na fase da adolescência, tornei-me uma leitora assídua do livro de Sabrina e Bianca.

Desenvolver a leitura foi fácil, mas para decorar a tabuada com a Cartilha “Tabuada: Ensino prático para aprender aritmética” eu encontrei muitas dificuldades. Até porque a nossa professora Lídia nos obrigava a decorar a tabuada e nos chamava individualmente para responder diante dela o que havíamos decorado. Se os alunos não respondessem, a professora também nos punia com o uso da palmatória. Frequentemente eu ficava nervosa, meu coração acelerava e esquecia.

A minha experiência escolar nessa época me faz lembrar o autor Paulo Freire que critica a educação bancária, em que o educador é o que diz a palavra e os educandos os escutam o educador, que disciplina (Freire, 2005, p.68), ou seja, é como se o professor fosse depositar o conteúdo, como se o aluno fosse recipiente preenchido pelo

educador. Desta maneira a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depósitos, que devem receber e memorizar e repetir.

Minha professora parecia ter esse entendimento. Ela era como aquela que deposita, ou seja, efetuava os problemas, tirado da tabuada e, no entanto, apenas transmitia, exigia que decorássemos e respondêssemos corretamente. Qualquer resposta errada seria punida com uso da palmatória. Acredito que a atitude da professora contribuiu para que eu desenvolvesse bloqueio e um comportamento aversivo a matemática. A professora, nesse sentido, estava na contramão do que propõe Piletti quando adverte: “ao invés de punir, estimule-os, e incentive-os, para que desenvolva comportamento construtivo, ao invés de forçar a criança, deve orientá-las na execução das atividades escolares, ouvindo o que tem a dizer, por meio de diálogos.” (PILETTI, 2004, p.86)

Naquela época não tinha diálogo e nem mesmo incentivo. Tanto a criança como qualquer outro ser humano, necessitam de apoio para desenvolverem suas habilidades. Incentivados pelos familiares e pelos que os rodeiam, certamente terão grandes chances de se tornarem adultos bem-sucedidos.

Na concepção de meus pais a leitura não tinha muita importância até o dia em que aceitaram ser Testemunhas de Jeová. Desde 1946 as Testemunhas de Jeová têm realizado um programa gratuito de alfabetização para as pessoas que desejam aprender a ler e a escrever. Desenvolveram seus próprios manuais de ensino, como a Cartilha ‘Aplique-se à Leitura e à Escrita. Na revista *Despertai!* (2015), produzida pelas Testemunhas de Jeová, há uma reportagem intitulada “Educação bíblica promove a alfabetização”, que informa que milhões de exemplares da Cartilha são distribuídos no mundo e em mais de 100 idiomas, incluindo indígenas.

Minha mãe aprendeu a ler através dessa Cartilha e depois ensinou meu pai. Eles se tornaram bons leitores da bíblia. Minha mãe contava que não foi fácil ensiná-lo a ler. No entanto, ela só aceitou porque ele tinha desejo sincero de aprender a ler e a entender a bíblia. Isso foi o que ele mostrou na prática repetidas vezes, por apresentar a sua excelente oratória ao fazer a leitura bíblica para uma audiência de mais de 80 pessoas.

Em 1977, meu pai, que era grande incentivador de apenas “ler e escrever” faleceu na cidade de Ji-Paraná, em Rondônia. Nos mudamos então para a capital, Porto

Velho. Durante dois anos não frequentei a escola. As minhas primas estudavam e tinham alvos para futuro: uma dizia que futuramente seria professora e a outra advogada. Atualmente as duas são professoras. Eu sonhava em ir para escola e vestir um uniforme. Sonhava também em ser uma professora. Lembro-me que eu convidava algumas crianças para minha casa e transmitia o que eu sabia, fazendo papel de professora. Certo dia um colega passou e disse: “Burro ensinando burro, como é que não fica?” Fiquei muito magoada. Foi mais um motivo para eu querer voltar a estudar e estava determinado, assim como as minhas primas, atingir uma meta. Como a minha mãe não mostrava nenhum interesse, pedi que a minha tia, a mãe das minhas primas, para que fizesse a minha matrícula.

Chegou o dia esperado. Estava matriculado na Escola Petrônio Barcelos. Durante o 1º ano e o 2º ano eu estudava no período intermediário das 11hs às 15hs. Esse horário foi estabelecido pela gestão escolar para alunos que tinham idade entre 12 a 14 anos. Os alunos com menos de 10 anos de idade estudavam no período matutino. Muitas vezes ia à escola sem o almoço, porque a minha mãe não tinha interesse que eu continuasse o estudo. Todos os dias ela falava: ‘Para quê estudar? O fim do mundo está próximo. Não adianta o estudo’. Parei de estudar com 14 anos de idade.

Aos 17 anos casei e depois vieram os filhos, mas meu sonho não foi interrompido. Diferente do modo de pensar de meus pais, desde muito cedo incentivei os meus filhos a estudarem. Acordava cedo, fazia o café da manhã e os colocava no ônibus escolar para irem à escola. Como doía meu coração, porque queria vê-los dormindo e descansando mais um pouco, mas eu não me permitia ser dominada pelo sentimento de pena. Para incentivá-los, vez por outra eu falava da minha experiência e do quanto eu desejava que meus pais tivessem agido comigo assim quando eu era criança.

Quando eles estavam no fundamental, muitas vezes ajudava os meus filhos em suas tarefas, mas a minha intenção também era aprender com eles. Para me manter atualizada com o material didático atual, eu usava os livros 1ª a 4º série que escola disponibilizava para meus filhos, passava todas as atividades para um caderno e realizava as tarefas. Como eu tenho dificuldade em matemática, meu filho usava um quadro, escrevia várias atividades e me dava dicas de como aprender a matemática. Foram muito úteis para que prosseguisse em busca do que eu tanto almejava.

Aos 36 anos fiz uma prova no SENAC de Ji-Paraná para concluir as primeiras séries do Ensino Fundamental. Em seguida, iniciei o Telecurso 2000 para concluir as séries finais, de 5ª a 8ª série. O Telecurso 2000 era um curso a distância sob a orientação da professora Marli, que utilizava da tecnologia para mediar o processo de ensino. Um pequeno valor em dinheiro era dividido entre os 30 alunos para pagar o salário da professora. A televisão e o aparelho de VHS eram os recursos usados.

A professora estava sempre preparada e tinha certo domínio sobre algumas disciplinas, exceto Física. Tivemos um professor recém-formado pela Universidade Federal de Rondônia- UNIR contribuiu com a disciplina de física. A maioria dos alunos tinha entre 25 a 55 anos e não tiveram a oportunidade de estudar quando eram jovens. Cada um tinha a sua história. Os motivos principais eram: pais que tiravam o filho da escola para trabalhar ou cuidar dos irmãos mais novos, pais que abandonaram o filho na infância, pais que queriam que o filho apenas aprendesse a ler, para ler a bíblia. Além disso, outros casaram muito jovens e tiveram que trabalhar para sustentar os filhos.

Entre os vinte alunos havia também uma moça de 25 anos que manifestava sinais de baixa autoestima originada por discriminação, maus tratos e outras atitudes negativas sofrida no período escolar na infância e adolescência pelo fato de ter obesidade. Era uma moça arredia e tinha dificuldade de interação. O fato de não conseguir acompanhar os colegas a fazia se sentir inferiorizada. Embora os colegas colaborassem em auxiliá-la, não apresentava sucesso na aprendizagem. Infelizmente, essa moça veio a óbito, em consequência de uma cirurgia bariátrica.

Continuei o ensino médio do 1º ano ao 3º ano pelo supletivo Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos, Teresa Mitsuko Tustumi em Ji Paraná- RO. Lá não tínhamos professores para todas as disciplinas. Funcionava em módulos. O aluno estudava em casa e era avaliado por meio de uma prova por disciplina, previamente agendada. Com esse método conseguir concluir inglês e matemática. Continuei a minha trajetória fazendo algumas disciplinas

Infelizmente, em 2006 meu marido adoeceu e tive que parar de estudar. Faltava apenas português para finalizar o ensino médio. Em 09 de maio de 2009, a morte levou o grande amor da minha vida. Depois de dois meses após o falecimento do meu marido, retornei à escola Gonçalves Dias para concluir o ensino médio. Eu estava

decidida a alcançar meu objetivo. Muitas vezes, eu saía da sala de aula e ia ao banheiro chorar. A professora interrompia a aula e esperava eu voltar. O amor, a consideração e o respeito a minha dor da professora Marlene foram condutores para que eu permanecesse em sala de aula. Senti-me motivada, aceita e acolhida pela professora e pelos meus colegas de sala de aula. Portanto, com o apoio e incentivo da professora conclui o ensino médio, mesmo passando por muitos problemas emocionais.

2. OS DESAFIOS DA FACULDADE

Em 2011 fiz o vestibular da UNIR para o curso de Pedagogia EaD. Aquela pessoa que um dia sonhou estudar em uma escola para fazer a primeira série do primário estava classificada para entrar em uma universidade federal. Não acreditava que eu estaria estudando em uma universidade federal. Mesmo que fosse um curso a distância, eu acreditava que não seria difícil porque desde o ensino fundamental meus cursos foram à distância.

Em 2011 fiz o Enem e com a nota do Enem eu fiz a minha inscrição para concorrer uma vaga de graduação em Matemática na UNIR. Em seguida, saiu a minha convocação. Embora fosse um motivo para acreditar que eu tinha potencial e era capaz de progredir, eu não compareci para o preenchimento de vaga, porque acreditava que não teria êxito na graduação de Matemática. Permaneci no curso de graduação em Pedagogia.

No início tínhamos um professor presencial que durante um sábado do mês mediava à aula presencial. Depois, as nossas aulas eram mediadas pelo professor online, por meio de vídeo conferência. Surgiram muitos problemas com as aulas online, que as tornaram cada vez mais difíceis. As tutoras não dominavam totalmente as disciplinas. Passamos por um período de inatividade em consequência da greve dos professores. Durante três semestres nem mesmo tínhamos uma justificativa. Por fim, retornamos novamente. Hoje estamos concluindo com muitas lutas e dificuldades.

2.1 Experiências no Estágio

Um “dos maiores danos que pode causar uma criança e levá-la a perder a confiança na sua capacidade de pensar”. (Emília Ferreiro)

No sétimo período iniciamos o estágio. Iniciei meu estágio com muito receio, porque era o momento de colocar em prática o que estava aprendendo e pude ter consciência dos desafios que enfrentaria no cotidiano escolar.

Logo no início do estágio surgiram muitos entraves. Um deles era a dor que eu sentia ao realizar o estágio do ensino fundamental em consequência de três hérnias de disco. Não foi fácil enfrentar uma sala de aula com muito barulho. Sentia fortes dores e muitas vezes pensei em desistir, mas eu estava determinada e decidida a me preparar, visto que futuramente pretendia ser responsável pela transformação e desenvolvimento social daquelas crianças. É isso que a sociedade espera de nós prospectivos professores.

Portanto, iniciei meu estágio no Centro de Educação Infantil Zilda Arns, no município de Ji-Paraná. Foi experiência gratificante, porque pude vivenciar a realidade escolar. Embora a teoria e prática devam caminhar juntas, na realidade confrontamos com situações que muitas vezes nos deixam paralisados. Logo que chegamos à escola, a professora perguntou se íamos fazer intervenção. Não soube responder por que não entendi, mas a minha parceira de estágio entendeu o que ela estava querendo saber. Nesse momento cheguei à conclusão que teria muito que aprender. No entanto, mantive a postura como uma estagiária que estava disposta a mostrar na prática o conhecimento que havia adquirido. Não foi fácil. A observação de toda uma rotina da professora contribuiu para entender o papel do professor, que não se resume só a teoria, e nos possibilitou a construção da identidade profissional do educador.

O Centro de Educação Zilda Arns atende crianças de 2 a 5 anos, com profissionais que proporcionam um ambiente que estimula a criatividade e o aprendizado daquelas crianças por meio do lúdico. É nessa fase que o lúdico e as brincadeiras fazem com que as crianças aprendam a desenvolver a interação e a afetividade, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, (1999) Instituições de Educação Infantil “devem promover em suas Propostas Pedagógicas,” práticas de educação e cuidados que possibilitem a criança a desenvolver através do lúdico, em todos os aspectos, que seja físicos, emocionais, afetivos, É importante ressaltar, que é de responsabilidade do educador, de aplicar e avaliar o valor educativo, que levará a criança um nível mais elevado de desenvolvimento.

O estágio no Ensino Fundamental foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental São Pedro situado no município de Ji-Paraná-RO. No decorrer de minhas observações do ensino fundamental, notei que as crianças tinham nível diferente de aprendizagem. Eu conheci uma menina meiga e carinhosa que tinha 10 anos de idade,

estava cursando o 3º ano. Ela não conseguia realizar as atividades propostas pela professora. A aluna copiava em letra palito e não conseguia ler. Eu observava o quanto se esforçava, porém, sem rendimento. Às vezes colocava as duas mãos sobre o caderno e debruçava sobre ele. Era perceptível que aquela criança se sentia frustrada, porque não conseguia acompanhar os colegas. Discretamente eu fiz algumas perguntas e ela respondeu que morava com a vó que não sabia ler, os seus pais estavam separados e o tio era quem ajudava a comprar os materiais escolares.

Aquela criança parecia e me fez lembrar a minha irmã, que hoje com 52 anos de idade e não aprendeu a ler e a escrever. Posso atribuir essa dificuldade da parte da minha irmã à posição da professora e à incompreensão de meu pai. No entanto, concordo com Nádya Bossa quando afirma que “É preciso identificar o que está atrapalhando a criança na escola: problemas de relacionamento professor, aluno; problemas familiares, problema coletivo escolar”. (2000 p.98-14). É preciso que o professor seja capaz de identificar as dificuldades que a criança apresenta, as causas podem estar na escola ou na família. É preciso que ele seja capaz de identificar o que está atrapalhando o desempenho do aluno. Sobre esse aspecto, os Parâmetros Curriculares Nacionais, afirmam que “Muitas vezes este tipo de dificuldade com relação aos processos de aprendizagem da escrita é consequência de malsucedidas experiências anteriores”. (BRASIL, 1999 p. 16)

Nada mais necessário do que sabermos que a nossa atuação em sala de aula pode levar uma desastrosa desorganização mental e emocional do aluno. É importante fazer um análise de nossa atuação. As nossas cobranças, muitas vezes, são incompatíveis com a maneira de ensinarmos, nossa linguagem, o nosso comportamento, com frequência, são os verdadeiros responsáveis pelo fracasso escolar. Durante muitos anos, por falta de conhecimento, os professores penalizavam o aluno.

Lembro-me, quantas e quantas vezes minha irmã tentava acompanhar os demais colegas, porém, não conseguia se sentia frustrada, e quando retornava para casa meu pai punia com uso da cinta. A minha mãe falava que a minha irmã quando estava com quatro anos teve um tétano e passou três dias na UTI. As sequelas ficaram evidentes na fase adulta. Frequentemente ela manifesta oscilação de humor. Tem momentos de muita tristeza, se isola, tem momentos de euforia e fala do mesmo episódio várias vezes.

Por tratar de dificuldade de aprendizagem, umas das disciplinas que me chamou atenção durante o curso foi psicopedagogia. Aprendi que muitos fatores impedem uma criança a aprender. O termo “Dificuldade de Aprendizagem” se tornou uma realidade atual das escolas. Portanto, vários estudos são elaborados com o propósito de buscar maneiras de avaliar e diagnosticar os fatores que levam o indivíduo a não desenvolver mesmo sabendo que a capacidade de aprendizagem é ilimitada.

Nesse sentido, Maria Lucia Weiss (2012) adverte que há aspectos orgânicos cognitivos e sociais, além do pedagógico que devem ser levados em conta quando se trata de fracasso escolar. Isso exigirá certo interesse e dedicação por parte do professor que deseja e se compromete com uma educação de qualidade para todos. A escola na maioria das vezes detecta problemas de aprendizagem de determinados alunos, mas ao lidar com a situação de modo inadequado, às vezes acaba agravando algo que poderia ser tratado de modo acertado, minimizando ou solucionando o problema.

É importante ressaltar que embora o aluno tenha dificuldades de aprendizagem, isso não significa que ele não possa aprender, ou que possua algum distúrbio neurológico ou outras patologias diferentes. Não podemos chegar a essa conclusão. Qualquer dificuldade do aluno precisa ser analisada como responsabilidade de todos envolvidos. O professor torna-se a figura fundamental. O professor precisa conhecer seu aluno para atuar na zona de desenvolvimento proximal, uma vez que está opera somente na interação entre pessoas e seu ambiente, no sentido em que trata Vygotsky (1994). É um instrumento nas mãos dos educadores, pois identifica não só desenvolvimento real (aquilo que a criança aprendeu,), mas o desenvolvimento potencial (aquilo que ela é capaz de realizar com auxílio) de um docente. A aprendizagem precede ao desenvolvimento, sendo que o ensino é aquele que se antecipa ao desenvolvimento.

Na sala do 5º ano eu observei que a discente mantém a mesma rotina usando método tradicional. A professora era formada em Pedagogia e ministrava sete disciplinas diferentes. É compreensível, portanto, não ter domínio sobre todas as disciplinas. Durante cinco dias de observação passei a refletir sobre como eu poderia instigar aqueles alunos para que saíssem da rotina. Elaborei meu planejamento de aula com o objetivo de desinibir, divertir e fazê-los interagir para que pudessem observar a importância de cooperar entre si. Meu objetivo ao usar a dinâmica com jogos de

números aleatórios, certamente foi de levar o indivíduo a se soltar e libertar a sua espontaneidade. Apliquei pequenas técnicas para estimular raciocínio mental e resolver problemas. Após a atividade proposta interroguei-os sobre as dificuldades na resolução do problema e no trabalho realizado em grupo. A maioria respondeu que conseguiram porque houve harmonia e cooperação entre o grupo.

Durante o curso, tivemos uma disciplina de Recreação e Jogo. Foi sugerido pelo professor que colocássemos em prática, passássemos a vivenciar e a sentir o prazer de brincar e interagir em grupo. Atividades dinâmicas no planejamento da educação são formas prazerosas para construir relacionamento entre professor/aluno, como também é elemento estratégico para a socialização do indivíduo, visto que nestas compartilham ideias, informações e decisões.

Por fim, a experiência na Educação de Jovens e Adultos também foi muito gratificante, principalmente, porque me fez lembrar o tempo em que eu retornei à sala de aula quando adulta. O nosso estágio foi na Escola Municipal Ensino Infantil Fundamental Jandinei Cella, onde encontramos em sala apenas 11 alunos. A maioria da turma era composta por pessoas acima dos 30 anos, que desistem rapidamente porque não conseguem conciliar, trabalho e responsabilidade familiares e escola.

Logo que chegamos, eu e minha colega de estágio Maria Almeida à sala, percebemos que sentiam vergonha e não ficaram à vontade. Eu falei aos alunos que estava emocionada de estar ali, porque eu também retornei à sala de aula na fase adulta. Isso não foi fácil, mas que desde o primeiro dia de aula eu perseverarei em busca do meu objetivo. Foi o que desejei a eles: perseverança. Também os parabeneizei pelo o fato de estarem presentes na aula.

Observei que a professora se mostrava amiga, companheira e com muita afinidade com os alunos, que entende a dificuldade de cada um deles e tenta ajuda-los. Já que não tinha uma disciplina específica para estudar, a professora aproveitava a experiência do dia-a-dia dos alunos e por meio do diálogo, não só fortalecia o vínculo do grupo nesse momento de socialização, mas incluía conteúdo de matemática, português e geografia. Essa concepção é de Paulo Freire, que vê os alunos, crianças ou adultos como portadores de conhecimento, de cultura e de experiência, portanto, capazes de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compartilhar a minha história não foi fácil, pois muitos fatos aqui relatados são de grande valia para mim. Mesmo que o contato com a prática tenha sido pouco, apenas durante os estágios, pude perceber a importância da alfabetização, da leitura e da escrita na idade certa. Entendi que a criança, quando é estimulada em casa e na escola, tende a desenvolver e construir seus conhecimentos, pois o professor é apenas o facilitador da aprendizagem, que contribui com o desenvolvimento do aluno.

Com certeza as crianças estão tendo oportunidades e muito mais incentivo para continuarem seus estudos, com profissionais mais qualificados que possuem formação adequada para fazerem um bom trabalho. Portanto, isso me leva a fazer uma análise de como proceder e construir minha prática pedagógica, buscando sempre me atualizar e oferecer diferentes recursos em sala de aula, tendo foco principal enriquecer o processo de ensino/aprendizagem dos alunos, buscando formar cidadãos reflexivos capazes de construir uma sociedade melhor e mais justa para todos. Sou grata, portanto, de ter essa oportunidade e quero prosseguir, paulatinamente, pesquisando, ganhando experiências para que eu possa estar pronta a atuar, quando for chamada a intervir.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia. **A dificuldade de aprendizagem: o que são? Como trata-la** Porto Alegre ART, 2000.

BRASIL, Constituição do Brasil- Revisão nº 1ª/94, pelas Emendas Constitucionais nº1/92 a 88/2015 pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. Brasília, 2008.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**: Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra: Rio de Janeiro. 2005.

FREIRE, Madalena. O que é grupo? In: GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara (Orgs.). Paixão de aprender. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 59-68.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2004.

DESPERTAI! Revista As células - bibliotecas vivas. Ed. Ago.2015. Disponível em: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/revistas/g201508/> Acesso em 10 de novembro de 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994

WEISS, Maria Lucia Lemme. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar** 14 ed. ver. ampl. Rio de Janeiro, Lamparina 2012.